

DIÁRIO de Notícias

MADEIRA

RUI ALVES DEIXA NACIONAL SE CRÍTICOS AVANÇAREM



Presidente do Nacional revela, em entrevista ao DIÁRIO, os três pecados capitais que levaram à despromoção do clube, as mudanças que vai operar na administração e deixa o repto aos críticos: “que assumam a candidatura e eu saio no dia seguinte” P. 27 A 29 ● Arouca acompanha Nacional na descida à II Liga P. 20 ● Carlos Pereira invocou na Gala do Marítimo a máxima de Daniel Ramos: “Nenhum obstáculo será grande se a vontade de vencer for maior” P. 17

SINAL PROIBIDO FORÇA ATALHO PERIGOSO

Túnel interditado causa embaraço na Meia-Légua P. 2 ● Funchal renova sinalética na baixa para orientar turistas P. 3

PIOR VERÃO DOS ULTIMOS SETE ANOS

Porto do Funchal terá uma escala a cada oito dias entre Junho e Agosto P. 10



RONALDO CAMPEÃO EM ESPANHA

Real Madrid conquista título que escapava há cinco anos P. 22

RONDA DE CONTACTOS ANTES DA VISITA À VENEZUELA

Sérgio Marques reúne-se com representantes da comunidade e com 30 madeirenses recém-regressados antes da deslocação a Caracas P. 17

● ENTREVISTA

“Há 15 anos o Nacional recebia o dobro da subvenção”

Rui Alves, presidente do Nacional

COM A DESCIDA O CLUBE PERDE 4 MILHÕES DE EUROS EM RELAÇÃO À ÚLTIMA ÉPOCA

EDMAR FERNANDES
efernandes@dnoticias.pt

Rui Alves promete lutar pela subida de divisão. É esse o objectivo que, garante, vai reger os nacionalistas em 2017/2018, embora admita que as armas para munir o grupo de qualidade sejam bem díspares do que acontecia um passado não muito distante.

Acha que o apoio do Governo Regional garante meios que conduzam a uma estabilidade desportiva dos emblemas madeirenses? A actual relação dos clubes da Madeira com o Governo Regional em termos dos montantes que são destinados a esta actividade, colocamos claramente num confronto permanente em termos de I Liga com a luta pela despromoção. E quiçá, também na II Liga, colocamos num patamar de competitividade mais reduzido face àquilo que está a acontecer no futebol profissional, em Portugal, e nos clubes continentais. Só para termo de comparação, iremos para a II Liga com metade da subvenção que tínhamos quando descemos há 15 anos. Portanto, vamos receber metade e os custos associados à actividade duplicaram, o que significa que a competitividade que teremos está claramente condicionada do ponto de vista financeiro.

Quanto é que o Nacional perde em termos orçamentais com a despromoção? A diferença de orçamento de uma época para a outra situar-se-á nos 4 milhões de euros.

E com menos 4 milhões de euros, acha possível lutar pela subida. Como é que tentará esse ensejo? Com trabalho mas reconhecendo que não estamos na mesma situação em que nos encontrávamos em 2002. 15 anos depois, com custos duplos da actividade do futebol profissional, teremos metade da subvenção pública... Tenho de respeitar o caminho traçado politicamente para a intervenção do Governo no futebol. Discordo, obviamente, acho que não houve uma análise profunda do retorno, que não se



“Apoio do GR serve quase para nos reequilibrarmos em relação aos custos inerentes à nossa insularidade”.

MIGUEL DE SOUSA “NÃO DEVIA TER TANTA EXPOSIÇÃO PÚBLICA”

■ As posições públicas do presidente da Assembleia Geral do Nacional, Miguel de Sousa, têm gerado alguma celeuma internamente. Confrontado com este facto, Rui Alves prefere continuar a manter “alguma discricção”, até porque diz respeitar os posicionamentos do líder da AG. Mas, no seu lugar, não adoptaria a mesma postura. “Acho que o presidente da AG não devia ter tanta ex-

posição pública, é a minha opinião. Mas respeito outra posição, embora ache que um presidente da AG de um clube não deva ter tanta exposição pública. Mas, repito, se o Dr. Miguel de Sousa se sente bem com essa exposição tenho de respeitar, embora o resultado institucional dessa situação possa ser sempre aproveitado para que os adversários do clube se aproveitem e tentem dividir-nos”, concluiu.

sularidade. Mas tudo o resto funciona a favor das colectividades continentais.

Em função desta diminuição orçamental, pondera procurar algum investidor. O Nacional tem a necessidade de vender acções da SAD? Tivemos há algum tempo contactos para o efeito, mas os clubes da Madeira têm um quadro institucional que não se torna muito favorável à presença dos investidores. Tenho até algumas dúvidas como será o posicionamento do Governo em relação a uma SAD com capitais privados. Mas, da minha parte, neste momento talvez me possa arrepender de não ter avançado mais nesses contactos. Mas para já temos de pensar em arrumar a casa e preparar a II Liga.

Caso a equipa não suba de divisão o clube corre o risco de extinção? Para já não quero pensar no clube por esse prisma. Penso que mesmo com estes constrangimentos e depois de resolvidos os problemas subjacentes ao fim de uma época como esta, com alguns atletas ainda sob contrato e durante esta semana temos de resolver tudo isto, teremos de construir um plantel capaz de lutar pela subida de divisão. Esse vai ser o nosso objectivo principal, mas tendo presente os grandes constrangimentos financeiros já referidos.

Este é o seu último ano de mandato. Independentemente dos resultados desportivos na próxima época, já sabe se vai continuar ou é a sua despedida? Neste momento estou preocupado em reconstruir e reorganizar a casa. Também já lhe disse que se amanhã aparecer alguém na praça pública que se assuma como candidato, no dia seguinte falarei com o presidente da AG e apresentarei a minha demissão do cargo. Até lá é secundário estar a fazer prognósticos sobre o que vou pensar daqui a um ano.

Durante esta semana começam as negociações com os atletas e equipa técnica. O departamento de futebol já sabe quem merece ficar no plantel? Já está avaliado, como é óbvio, mas para além da questão do merecimento há a questão da capacidade. O orçamento tem de ser reduzido para 1/5 do que foi. E há atletas que poderiam interessar mas que não teremos capacidade financeira para tal.

O guarda-redes Adriano é um deles. O clube não vai conseguir segurá-lo? Porventura será um exemplo.

● ENTREVISTA

“CRÍTICOS QUE ASSUMEM A SUA CULPA E EU SAIO NO I

Rui Alves faz ‘mea culpa’ de uma época terrível mas acusa alguns críticos de “desonestidade intelectual” que lhe dá “náuseas”.
E apesar de classificar alguns de “ignorantes”, deixa a porta aberta para que se assumam como candidatos.

EDMAR FERNANDES
efernandes@dnoticias.pt

Como explica este insucesso desportivo que resultou na despromoção à II Liga? Por um conjunto de situações que desde o início se foram adicionando negativamente. Mas principalmente foi marcada por três factores essenciais, nas quais tenho naturalmente de ser o primeiro responsável. Em primeiro lugar deveria ter percebido que o ciclo do professor Manuel Machado no Nacional tinha terminado e, portanto, a época deveria ter sido preparada já com outra liderança; Em segundo lugar, porque condicionados por razões de ordem económica, o Nacional, pela primeira vez desde que está na I Liga, fez uma opção de ter um número significativo de jogadores emprestados que vieram, pela negativa, a ser determinantes nesta despromoção. Em

terceiro, e se é verdade que deveríamos ter entendido que o ciclo do professor Manuel Machado tinha chegado ao fim, hoje também acho que devíamos tê-lo mantido até final do campeonato. Três erros capitais do presidente do Nacional nas decisões que conduziram à despromoção.

Mas os jogadores, nomeadamente os emprestados, não tinham qualidade? Assumo também uma má avaliação da minha parte porque a intenção era que os jogadores emprestados tivessem uma qualidade que o Nacional não teria possibilidade de adquirir de outra forma a não ser por esta via. Mas a verdade é que não imaginaria, por exemplo, que o pior central que conheci na I Liga fosse emprestado pelo Benfica. Não me passaria pela cabeça! A perspectiva é que fossem uma mais-valia, não o foram, antes pelo contrário. E tornaram ainda a gestão tormentosa a determinada altura.

Portanto, jogadores emprestados nunca mais? Se calhar escolhemos mal os jogadores emprestados... Mas, reforço, a situação económico-financeira determinou que não conseguiríamos jogadores de nível mais elevado a não ser por esta opção que, agora, naturalmente me penitencio. Mas volto a dizer que não era expectável que o pior central do Nacional na I Liga fosse emprestado pelo Benfica.

Houve também falta de compromisso dos jogadores? A falta de qualidade de um atleta profissional não se resume somente a um aspecto técnico, no caso em concreto de pelo menos três dos emprestados, claramente que a relação existente com aquilo que é um profissional de futebol deixou muito a desejar. Mas os compromissos que assumimos com os clubes que os emprestaram determinaram, infelizmente, que se mantivessem até ao fim.

E quanto à opção em Jokanovic, voltaria a tomá-la? Já lhe disse que se voltasse atrás não procederia ao despedimento do professor Manuel Machado que, a meu ver, e agora reafirmo, depois de ter iniciado a época devia ter continuado, até porque fazia parte do ADN do Nacional não despedir treinadores e isso correspondeu sempre a uma força estrutural para resolver muitas situações. Este ano deixei-me vencer



Líder alvinegro acusa algumas pessoas de procurar mediatismo à custa do clube.

MAM CANDIDATURA DIA SEGUINTE”

pela tentação da mudança e não ganhámos nada com isso. Embora, em especial o último técnico seja o menos culpado da situação, pois veio já num quadro bastante difícil, nomeadamente com um balneário complicado e pouco comprometido.

Já foi dito também que o Nacional desce por se preocupar muito com o vizinho... Isso é completamente falso. Aliás, eu nunca fui proactivo, fui sempre mais reactivo. Tive sempre de reagir a provocações dirigidas à instituição que lidero. E a opinião pública, se quiser ser verdadeira, sabe que já há anos que não há nenhuma referência nesta instituição a qualquer assunto que se passe na casa do vizinho. Isso é absolutamente falso.

Disse que só falaria no final. Qual a razão para este silêncio mesmo depois de ter sido consumada a descida? Porque, repare, pela introdução da nossa conversa, percebe que não poderia há duas semanas estar a dizer exactamente o que acho sobre a época. Ia ficar mais contido relativamente a algumas questões, nomeadamente dos emprestados, e não poderia ser verdadeiro. A duas jornadas do fim, com tantas questões internas por resolver, poderia tornar a vida do clube um inferno se dissesse o que estou a dizer agora. Acho que as lideranças devem potenciar dentro do possível alguma harmonia interna e não serem para dividir. Os confrontos devem ser feitos sempre com o exterior.

Nos últimos tempos têm surgido algumas vozes críticas ao projecto que lidera. Como lida com essa insatisfação? Aceito todas as críticas, eu próprio me critico. Mas não aceito desonestidade intelectual e tenho visto muita, ainda para mais de pessoas que ao nível da actividade desportiva que é o futebol não passam de ignorantes. Chamar incompetentes aos outros, sobretudo num quadro de insinuações a colocar em causa até a honestidade dos elementos da administração, causam-me náuseas. Se há coisas que tenho orgulho nestes anos todos é que do ponto de vista do seu funcionamento contabilístico o Nacional é um exemplo em qualquer tipo de análise que se possa fazer.

É também posso dizer mais: aceito as críticas e os golpes desferidos na instituição, alguns dos quais mesmo não sendo muito ‘assassinos’



RUI ALVES REVELOU OS SEUS TRÊS PECADOS CAPITAIS QUE ORIGINARAM A DESPROMOÇÃO

PRESIDENTE LAMENTA QUE JOÃO DE DEUS TENHA APANHADO BALNEÁRIO DIFÍCIL

“NÃO IMAGINARIA QUE O PIOR CENTRAL QUE CONHECI NA I LIGA VIESSE DO BENFICA”

acabam sempre por produzir danos naquilo que tem de ser o funcionamento correcto da instituição. Mas deixo claro o seguinte: se algum dos críticos tiver a coragem de dizer que está aqui a criticar e assume depois que é candidato à liderança do Nacional... no dia seguinte o Rui Alves

demite-se da presidência e abre caminho para que tal pessoa possa se apresentar. Porque criticar mas na hora da verdade vir dizer ‘ah, eu não’... É o mais fácil e é desonestidade intelectual pura.

Porque continua então? Continuo cá sob uma óptica de responsabilidade institucional, porque sei que hoje qualquer distração no quadro do funcionamento desportivo pode levar ao desaparecimento de uma instituição e temos vários exemplos em Portugal. E estou cá para fazer tudo para nos levantarmos. Porque fracos não são os que caem, são os que caem e não se levantam. A força das instituições vê-se sobretudo na forma como se conseguem superar nos maus momentos. E a maioria das pessoas que nos criticam têm tido protagonismo à conta do clube, mas a sua participação construtiva na história da instituição é quase zero.

Foi quase pressionado a voltar à liderança do clube. Porque regressou? Regressei porque, confesso, tive algum receio nalguma divisão e ruptura institucional. E também porque subsistiam responsabilidades financeiras do clube avalizadas por mim que me preocupavam. Nos primeiros dois anos deste mandato o Nacional pagou três milhões de passivo. Não o fazendo poderia ter-se apresentado mais competitivo no mercado mas, a prazo, a instituição caminharia numa insustentabilidade irreversível.

Três milhões de passivo...? Sim, reflectem-se nos seis meses de atraso na subvenção que tiveram de ser resolvidos com recurso à banca. Depois, obviamente que a questão da falência do Siena e os 2,5 milhões que tínhamos para receber (venda de Luís Neto) afectou-nos, porque assumimos compromissos em função de uma determinada realidade que acabou por não se concretizar. E tivemos de ter financiamento bancário para continuar a honrar os compromissos. Sim, porque as contínuas reduções dos subsídios não determinam o fim ou redução dos contratos, o que levou até há três anos que tivéssemos um passivo com algum significado e que nos mereceu uma especial preocupação. Tínhamos também a dívida de 2 milhões de euros ao União e este conjunto de factores também nos retirou competitividade.

MUDANÇAS

Administradores perdem remuneração

O futuro do clube terá de ser diferente segundo reconhece o presidente, inclusivamente no que concerne aos elementos que compõem os quadros directivos e administrativos. “Claro que vamos ter de alterar alguma coisa, vamos ver como é que os administradores vão reagir aos novos desafios. Não teremos condições para manter uma administração remunerada e teremos que rever toda esta situação. As pessoas têm que ser solidárias e dedicar-se ao clube noutra situação”.

Ao invés, Rui Alves refuta qualquer tipo de divisão interna e garante que todos os órgãos sociais estão unidos. “Não tive nem senti divisão, acho que isso reflecte uma tentativa mais pública de criar divisão. As pessoas estão à vontade para me colocarem qualquer tipo de questão, naturalmente que as vozes não têm de ser todas concordantes em relação aos diferentes assuntos, mas penso que tem havido um quadro institucional de respeito e lealdade.”



Duas descidas em dois anos

Na opinião do líder alvinegro há uma relação directa entre o menor financiamento do GR e a despromoção de Nacional e União. “Não podemos, neste momento, por muito que se queira, deixar de referir que nos últimos dois anos há dois clubes da Madeira despromovidos. Os dirigentes viraram, de repente, uns incompetentes totais para em dois anos seguidos a gestão dos clubes ter sido atirada para o fosso? Há aqui qualquer coisa de novo, naturalmente. Vamos ver... Se uma vez acontece aos intocáveis como é que a nação vai reagir. Mas isso é outra questão”. Apesar disso, as críticas têm sido algumas e audíveis. Rui Alves não se mostra surpreendido nem injustiçado, “Se alguma vez me senti injustiçado foi quando desempenhei um cargo político. Mas é verdade não pensei que a desonestidade intelectual se revelasse em tantos sócios. E do ponto de vista de compreender aquilo que é o ser humano, digamos que estou um pouco como Pavlov, quando mais conheço os homens mais adoro os animais. Nada me surpreende, não fico preso a choramingar a injustiça.” Não deixa, no entanto, de se sentir “defraudado” em relação ao projecto que iniciou. “Tenho é de perceber que foi formado e construído um clube que tem de ter condições de se reerguer e, como lhe digo, naturalmente que toda esta construção teve uma base. É preciso que se perceba que a Madeira, por si, não tem economia para ter clubes no futebol profissional de forma auto-sustentável. E obviamente que a construção que foi feita no clube alicerçou-se numa perspectiva de apoios governamentais que hoje, de algum modo, ma fazem sentir defraudado. Porque projectamos um clube que teve cinco participações europeias num quadro de relacionamento que se desfez. De repente você tem um menino nos braços e sente que tem cada vez menores condições para dar-lhe”.